

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)

VOL V



EDITORA  
ARTEMIS  
2024

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)

VOL V



EDITORA  
ARTEMIS  
2024



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizador</b>	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
<b>Imagem da Capa</b>	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yañez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*



Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, *Universidad del Pais Vasco, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*  
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. V / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-16-1

DOI 10.37572/EdArt\_300724161

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



## PRÓLOGO

Todos hemos oído la expresión popular “si algo sale bien, hazlo de nuevo”. Y aquí estamos presentando el quinto volumen de “Humanidades e Ciências Sociais: Perspectivas Teóricas, Metodológicas e de Investigaçao”. En esta ocasión, como lo dice uno de nuestros autores, abordamos los diferentes niveles de análisis, micro o individual, meso o local, y macro o global.

En esta obra, en la que incluimos 21 autores, de procedencias diversas, tanto teóricas, como metodológicas, y hasta disciplinarias, agrupamos los trabajos en cuatro apartados. Iniciamos con 7 capítulos bajo el rubro “Interacción, amor y desviación sexual”.

En primer lugar encontramos las creencias sobre el amor romántico, las relaciones tóxicas, la dominación masculina y la violencia de género. Enseguida encontramos el análisis de la infidelidad y su relación, o falta de ella, con el género y la inteligencia sexual. Tercero, podemos ver como esta infidelidad, que aparece en casi la mitad de los encuestados, genera daño emocional y violencia. A continuación se revisan los factores de riesgo de la violencia en parejas, una “preocupante realidad de millones de adolescentes y adultos jóvenes”. También cómo la autoestima, y su interacción con los padres, les permite tomar decisiones sobre el inicio de su vida sexual. Incluimos también como se cuestionan las músicas populares, los discursos textuales y corporalidades que se entrelazan en ciertas composiciones performativas, para deconstruir aspectos sociales de las masculinidades hegemónicas. Finalizando este apartado con una mirada clínica que intenta, como muchas otras miradas, dar una explicación de los conflictos internos, y la pérdida de contacto con la realidad, que llevan a la violencia y la desviación sexual.

En el segundo apartado nombrado “Cómo nos forjó la historia: Esclavitud, Guerra y Justicia”, tenemos 5 trabajos. Ahí podemos encontrar parte de la historia virreinal, analizando el arte religioso como “agentes con presencia, potencia y acción en la interacción social entre culturas”. Siguiendo con un trabajo que usa la hermenéutica jurídica, para evaluar la justicia y la esclavitud en los afrodescendientes. En los últimos tres capítulos de la sección, se busca resignificar el pasado: primero, interpretando la batalla del Ebro en la memoria colectiva; segundo, analizando la politización de una canción, ejemplo de los diálogos en contra de la dictadura militar y, en el último estudio, se aborda una vanguardia artística vinculada al Modernismo en América Latina, que se reflejó en la figura del indio Caraíba, y la llamamos aquí la jungla identitaria.

La sección “Salud y Sociedad” inicia con un trabajo que muestra que los determinantes sociales de la salud juegan un papel crucial en la aparición y evolución de las enfermedades crónicas. Algo necesario para contraponer con los determinantes comportamentales, el estilo de vida sedentario y la mala alimentación. Así la hipertensión, la osteoporosis y otras enfermedades empeoraron “con el desbalance que generó el

Covid”. Sigue un trabajo en la misma línea, que pretende conocer estos determinantes tanto biológicos como psicológicos y hasta sociales, con el fin de poder guiar a los adultos mayores a adaptar y mejorar su estilo de vida. El apartado finaliza con un estudio que considera a los cuidadores de los enfermos, particularmente de Alzheimer, quienes también sufren el cambio en sus rutinas y estilos de vida, para dedicar a sus familiares una labor de 24 horas.

El último apartado “Derecho y Movimientos Sociales”, comprende 6 capítulos sobre problemáticas que se analizan en distintos países, Argentina, Perú, Colombia, México, Ecuador, pero que se presentan en toda América Latina. Inicia con la convicción de que los movimientos sociales están en crisis, pero porque la propia sociedad en su conjunto está en crisis. Los gobiernos neoliberales se alternan, mientras se da un paso atrás, al alinearse al Fondo Monetario Internacional y la OCDE. Sigue el análisis del sindicalismo latinoamericano, que transita bajo la paradoja de que a mayores prestaciones a los trabajadores, menor desarrollo económico. A continuación se analizan las políticas públicas del deporte tanto de aficionados como profesionales, que se dictan entre agudas contradicciones en aspectos sociales, económicos y legislativos. Luego se analiza la política fiscal, con la adopción de las nuevas tecnologías, llegando a la conclusión que debe haber colaboración entre los organismos internacionales, los estados y los particulares, en aspectos de seguridad y privacidad, pero siempre a “favor de la dignidad humana antes que a la tecnología”. Le sigue una propuesta sobre acuerdos bilaterales, que propone también negociaciones equilibradas que logre integraciones económicas para el desarrollo, tanto en cuestiones ambientales como de infraestructura y en contra del cáncer de la corrupción. El apartado finaliza con los derechos legales e internacionales de los refugiados, y lo mejor, propone recomendaciones prácticas para la protección de estos derechos.

Hemos intentado balancear los temas, las aproximaciones y los diferentes puntos de vista sobre la conjunción de las Humanidades y Ciencias Sociales, para el disfrute del lector que busca estar al día en estas apasionantes materias.

Dr. Luis Fernando González Beltrán  
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

## SUMÁRIO

### INTERACCIÓN, AMOR Y DESVIACIÓN SEXUAL

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

RELACIONES TÓXICAS, DOMINACIÓN Y VIOLENCIA. HISTORIAS DE VIDA EN TORNO A LAS CREENCIAS DEL AMOR ROMÁNTICO

Verónica Prieto Cordero

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241611](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241611)

#### **CAPÍTULO 2..... 12**

INFIDELIDAD E INTELIGENCIA SEXUAL

Sinuhé Estrada-Carmona

Gabriela Isabel Pérez-Aranda

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241612](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241612)

#### **CAPÍTULO 3..... 26**

LA INFIDELIDAD COMO ACTO DE VIOLENCIA: UN ESTUDIO CUALITATIVO EN MUJERES PERUANAS

Ursula Milagros Chu Amaranto

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241613](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241613)

#### **CAPÍTULO 4..... 34**

VIOLENCIA NO NAMORO E RELACIONAMENTO TÓXICO E ABUSIVO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Nádia Catarina Lima

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241614](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241614)

#### **CAPÍTULO 5..... 40**

RELACIÓN PARENTAL Y AUTOESTIMA COMO FACTORES DETERMINANTES DEL INÍCIO DE VIDA SEXUAL EN ADOLESCENTES

Lady Olivia Quispe Arapa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241615](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241615)

#### **CAPÍTULO 6..... 58**

ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE, PSICOSE, PERVERSÃO

Nádia Catarina Lima

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241616](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241616)



**CAPÍTULO 7 .....67**

“Y NO ES MACHISMO...”: PERFORMATIVIDADES DE GÉNERO EN LA LISTA DE REPRODUCCIÓN LOS TIGLESS (YOUTUBE, 2017)

Pablo Alejandro Suárez Marrero

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241617](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241617)

**CÓMO NOS FORJÓ LA HISTORIA: ESCLAVITUD, GUERRA Y JUSTICIA**

**CAPÍTULO 8.....78**

AGENCIA DE LA IMAGEN Y ESTRATEGIAS DE EVANGELIZACIÓN ENTRE LA COMPAÑÍA DE JESÚS Y LA ESCLAVONÍA DEL INGENIO DE SAN NICOLÁS DE AYOTLA, OAXACA

Vanessa Georgina Santiago López

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241618](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241618)

**CAPÍTULO 9..... 93**

LA ADMINISTRACIÓN DE JUSTICIA Y LOS AFRODESCENDIENTES A TRAVÉS DE FUENTES JUDICIALES DEL ARCHIVO DE ASUNCIÓN

Darío López Villagra

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007241619](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241619)

**CAPÍTULO 10..... 108**

COMUNICACIÓN, CONFLICTO Y RESIGNIFICACIÓN DE LOS ESPACIOS DE LA BATALLA DEL EBRO EN CATALUÑA (ESPAÑA)

Jordi Prades-Tena

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416110](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416110)

**CAPÍTULO 11.....117**

“COMO DOIS E DOIS SÃO CINCO”: A DITADURA MILITAR EM QUESTÃO

Adalberto Paranhos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416111](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416111)

**CAPÍTULO 12 .....132**

A SELVA IDENTITÁRIA: MODERNIZAÇÃO, ANTROPOFAGIA E DIREITO

Eva Cristina Franco Rosa dos Santos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416112](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416112)

**CAPÍTULO 13..... 144**

SOCIAL DETERMINANTS OF HEALTH AND CHRONIC DISEASES POST COVID-19  
SALINAS. ECUADOR, 2023

Yanedsy Díaz Amador  
Isoled del Valle Herrera Pineda  
Carlota Roció Ordoñez Villao  
Nohelia Romina Robinson Cedeño  
Melanie Zamora Merchán  
Brigitte Janeth Catuto Vera  
Pamela Katherine Chicaiza Salazar  
Francisco Amaury Restrepo Ramírez  
Margarita del Roció García Castro  
Henry Arnaldo Cruz Tomalá  
Ander José Díaz Caiche  
Allison Joselyn Orrala Borbor

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416113](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416113)

**CAPÍTULO 14.....156**

COMPREHENSIVE GERIATRIC ASSESSMENT IN INSTITUTIONALIZED OLDER  
ADULTS

Claudia Marcela Cantú Sánchez  
Grever María Avila Sánsores  
Gerardo Ruvalcaba Palacios  
Ma. Gloria Vega Argote

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416114](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416114)

**CAPÍTULO 15.....179**

LUTO EM CUIDADORES FAMILIARES DE PESSOAS COM DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

Laura Brito  
Ângela Leite  
M. Graça Pereira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416115](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416115)

## DERECHO Y MOVIMIENTOS SOCIALES

### **CAPÍTULO 16** .....195

LA CRISIS DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES Y SU CAPACIDAD DE DESMULTIPLICAR LAS CRISIS Y DE CREACIÓN DE UN NUEVO MODELO DE GOBERNANTALIDAD EN AMÉRICA LATINA: EL EJEMPLO DE LA ARGENTINA

Raina Zimmering

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416116](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416116)

### **CAPÍTULO 17** .....214

DE LA TEORÍA ESTATUTARIA A LA CONTRACTUALISTA EN LA NEGOCIACIÓN COLECTIVA EN LA ADMINISTRACIÓN PÚBLICA. PRINCIPIO PRESUPUESTAL VS DERECHO FUNDAMENTAL; EL CASO PERUANO

Julio Enrique Haro Carranza

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416117](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416117)

### **CAPÍTULO 18** .....234

CONTEXTO SOCIAL Y NORMATIVO DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DEL DEPORTE EN COLOMBIA

José Ramos Acosta

Ana María Arias Castaño

Néstor Ordoñez Saavedra

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416118](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416118)

### **CAPÍTULO 19** ..... 247

DESAFÍOS DEL BIG DATA COMO PARTE DE LA TRANSFORMACIÓN DE LA POLÍTICA FISCAL EN MÉXICO

Reyna Araceli Tirado Gálvez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416119](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416119)

### **CAPÍTULO 20** .....259

CHILE: LAS PRINCIPALES CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS, ECONÓMICAS, SOCIALES Y TECNOLÓGICAS, Y SUS ACUERDOS BILATERALES REALIZADOS CON EL ECUADOR

César Antonio Bustamante Chong

Mariana Elizabeth Bustamante Chong

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416120](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416120)

**CAPÍTULO 21.....279**

MECHANISM FOR ENSURING THE RIGHTS OF REFUGEES: CHALLENGES AND PERSPECTIVES

Viktoriiia Sydorenko

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072416121](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416121)

**SOBRE O ORGANIZADOR.....289**

**ÍNDICE REMISSIVO .....290**

# CAPÍTULO 8

## AGENCIA DE LA IMAGEN Y ESTRATEGIAS DE EVANGELIZACIÓN ENTRE LA COMPAÑÍA DE JESÚS Y LA ESCLAVONÍA DEL INGENIO DE SAN NICOLÁS DE AYOTLA, OAXACA<sup>1</sup>

Data de submissão: 21/06/2024

Data de aceite: 04/07/2024

**Vanessa Georgina Santiago López**

Universidad Nacional

Autónoma de México

FFyL, IIE, ENES- Morelia

Ciudad de México, México

<https://orcid.org/0009-0009-2637-9876>

**RESUMEN:** Una mirada decolonial de la historia del arte no solo significa centrarnos en un periodo específico (virreinal) y analizar la producción artística desarrollada (principalmente arte religioso) como el resultado de las relaciones de las culturas en contacto; sino entender esos objetos como agentes con presencia, potencia y acción en la interacción social de dichas culturas. Para sustentar esta aseveración, se analiza un estudio de caso: el retablo del ingenio de San Nicolás Ayotla, Oaxaca (siglo XVIII); como ejemplo de las estrategias de evangelización

<sup>1</sup> Los resultados presentados en este artículo derivan de mi tesis de maestría del Posgrado en Historia del Arte. Agradezco a la Universidad Autónoma de México por las facilidades y respaldo a la investigación durante el periodo de pandemia; a mi directora de tesis Mónica Echeveste por su apoyo constante; al Archivo General de la Nación por permitirme la consulta y reproducción de sus acervos y a la colaboración técnica del colectivo Nahui Olin en el levantamiento fotográfico y medición de la capilla y el retablo.

y adoctrinamiento de la Compañía de Jesús sobre su población esclava. No obstante, la historia de su fabricación, programa devocional y supervivencia parcial hasta fechas actuales nos habla también de la contraparte; es decir, de la aceptación y resignificación por parte de sus destinatarios. Por tanto, el retablo encarnó intensiones y expectativas que modificaron el contexto social en el que estaba inmerso, desempeñando así un papel muy importante como agente identitario e impactando las relaciones sociales y laborales entre los administradores y la esclavonía del ingenio.

**PALABRAS CLAVE:** Evangelización. Compañía de Jesús. Retablo. Esclavonía. Devociones.

**IMAGE AGENCY AND EVANGELIZATION STRATEGIES BETWEEN THE SOCIETY OF JESUS AND THE SLAVERY OF THE INGENIO DE SAN NICOLÁS DE AYOTLA, OAXACA**

**ABSTRACT:** A decolonial view of art history does not only mean focusing on a specific period (vicerealty) and analyzing the artistic production developed (mainly religious art) as the result of the relations between cultures in contact, but also understanding these objects as agents with presence, power and action in the social interaction of these cultures. To support this assertion, a case study is analyzed: the altarpiece of the sugar mill of San Nicolás Ayotla, Oaxaca (18th century); as

an example of the strategies of evangelization and indoctrination of the Society of Jesus over its slave population. However, the history of its manufacture, devotional program and partial survival to the present day also tells us of the counterpart; that is, of the acceptance and re-signification by its recipients. Therefore, the altarpiece embodied intentions and expectations that modified the social context in which it was immersed, thus playing a very important role as an agent of identity and impacting the social and labor relations between the administrators and the sugar mill slaves.

**KEYWORDS:** Evangelization. The Society of Jesus. Altarpiece. Slaves. Devotions.

## 1 INTRODUCCIÓN: UNA MIRADA DECOLONIAL DE LA HISTORIA DEL ARTE

La Historia del Arte como disciplina institucional surgió en Europa durante el siglo XIX, su desarrollo y categorías de análisis respondieron a la concepción del arte surgido en ese momento, así como a las culturas que compartían dichos valores. No obstante, el debate sobre la globalización de la Historia del Arte es relativamente reciente (principios del siglo XXI), los cuestionamientos a los métodos, conceptos y propósitos de la disciplina fue resultado de la crítica cultural en occidente a partir de la década de 1980 -análisis ideológico, deconstrucción, poscolonialismo, etc. (Zainab *et al.*, 2014). La idea de una historia del arte mundial comenzó a tomar fuerza y resultar atractiva, ya que, para algunos académicos como James Elkins (2006) esto significaba unificar su metodología y corpus interpretativo, establecer un canon que evitara la disolución del campo de conocimiento. Para otros investigadores como David Summers (2003) era incorporar nuevos marcos de referencia para interpretar la obra a través de un cambio en el lenguaje; y una tercera propuesta era la de intentar estrategias interpretativas fuera de los métodos occidentales, lo cual implica descartar no solo los modelos interpretativos de la Historia del Arte sino de otras disciplinas surgidas en occidente.

Desde un punto de vista histórico y cultural, las manifestaciones de arte religioso virreinal son de herencia occidental creadas bajo los cánones estéticos y materiales de la época. Sin embargo, durante mucho tiempo el carácter devocional de estas imágenes restaba importancia a su valor estético, es decir, el concepto de arte no era compatible con estos objetos. Fue más a menos en la década de 1990 donde cambió la forma de percibir la imagen religiosa como un medio vital en el que lo divino se materializaba dentro del mundo haciendo atractivo su estudio (Taylor, 2010). Pero este cambio de valoración vino de la mano de la transformación disciplinar de la historia del arte.

Autores como el historiador del arte norteamericano George Kluber (1962) especialista en arte precolombino e iberoamericano, contribuyeron a este nuevo rumbo. Para él cualquier objeto producto de la creación humana, incluyendo las obras de arte, debían reconocerse por su clase de acción. Esta concepción fue de especial importancia

porque trascendía lo meramente formal y estético centrándose en el fin y función (Bonet, 2008, p. XII). Algunos estudios colonialistas realizados desde Latinoamérica también voltearon a ver el arte porque resultó un elemento indispensable para entender la confrontación y mediación entre culturas, ya que fue una vía mucho más inmediata de comunicación entre esos universos culturales. El arte surgido en los virreinos americanos, aunque inspirado en modelos europeos y con motivos principalmente religiosos, experimentó transformaciones significativas al incorporar en su ejecución la tradición indígena (García-Huidobro, 2018).

Pese a lo interesante de estas propuestas, Atreyee Gupta y Sugata Ray (2006) cuestionaron este planteamiento porque a pesar de proponer el uso de conceptos e ideas representativos de las culturas en cuestión (específicamente indígenas), su búsqueda de originalidad, pureza, autenticidad y autoría dejaba de lado los contextos modernos no occidental, lo criollo, lo híbrido y lo mestizo. ¿Cuál es entonces el camino que han seguido las investigaciones sobre la imagen devocional y arte religioso?

Siguiendo el método de análisis desarrollado por Igor Kopytoff sobre la biografía cultural de los objetos (1986); las investigaciones históricas sobre arte religioso, concentradas hasta ese momento en el fenómeno guadalupano como expresión del criollismo, tornaron su atención al estudio de las “vidas sociales” de los cultos americanos. No obstante, es en la última década del siglo XX y principios del XXI donde han surgido con mayor auge nuevas propuestas de cómo entender y estudiar la imagen religiosa en diversas latitudes: Javier Portus y Felipe Pereda en el estudio de la imagen religiosa en España, Carolyn Dean, Verónica Salles-Reese y Juan Carlos Estensoro para el Perú; Jaime Cuadriello y Luisa Elena Alcalá en la Nueva España, por mencionar algunos.

Ante todo lo anterior, tanto desde mi formación en el ámbito de la antropología como de la Historia del Arte, me pareció sumamente interesante enfocar mi proyecto de investigación sobre el campo de estudios del arte religioso. La complejidad de este campo de estudio ha permitido nutrir las teorías y metodologías de la disciplina aún dentro de los marcos institucionales de occidente; así como a generar categorías de análisis útiles en el campo de las humanidades y ciencias sociales. Algo que da gran notoriedad al arte religioso, desde mi particular punto de vista, es su agencia -relación de los objetos en el medio social, en tanto que forma parte de una serie de secuencias causales, eventos causados por la voluntad, la intención y la mente (Gell,1998), su espectro simbólico-identitario y continuidad, entre otros. Por tanto, entrar en un análisis profundo requiere de métodos y herramientas interdisciplinarias, así como de conceptos más adecuados y flexibles.

## 2 EL RETABLO DEL INGENIO DE SAN NICOLÁS AYOTLA, OAXACA: HUELLA DE LA EVANGELIZACIÓN Y ADOCTRINAMIENTO JESUITA A SU ESCLAVONIA

Los resultados de la investigación que aquí presento tienen por objeto el estudio de un caso peculiar: el retablo de la ex hacienda azucarera de Ayotla, actualmente en el municipio de San Martín Toxpalan, Oaxaca (Santiago, 2023). El caso me pareció fascinante, porque la evidencia de su autoría se encuentra referida en un proceso interpuesto por un esclavo, Tiburcio Antonio, solicitando que el gobierno virreinal le extendiera su carta de libertad, obtenida por su padre, Victorino Sánchez, en pago por la elaboración de un retablo a los padres jesuitas que administraban una hacienda azucarera en la cañada oaxaqueña, a mediados del siglo XVIII. (AGN, Civil, vol. 1523, 1787).

La relevancia de esta información radica en el ascenso de esclavos en la escala gremial, ya que los retablos debían ser elaborados por maestros u oficiales, constituyendo así una excepción a las normas establecidas para la fabricación de retablos u obras religiosas. Por otra parte, el testimonio también evidencia parcialmente la relación de los jesuitas con sus esclavos, tanto económica como religiosamente. Si la Compañía de Jesús aceptaba la esclavitud como fuerza de trabajo en sus haciendas ¿Cómo justificaban teológicamente esta actividad? ¿Con qué intención se elaboró el retablo? ¿Cuál era el mensaje que se deseaba transmitir? ¿De qué manera aprovecharon las imágenes para la evangelización de los esclavos?

Mi interés se centró en el programa original de la capilla y en su función evangelizadora, para lo cual resultó indispensable remitirme al retablo y la capilla actual, por ser una de las principales evidencias materiales. No obstante, el problema de los dos tiempos plantea muchas complejidades; principalmente porque, debido a las remodelaciones de la capilla, éste fue reensamblado, modificado con ello su estructura y el orden original de sus esculturas (algo bastante común en los retablos virreinales). Por tanto, para poder verificar la autenticidad del retablo actual, y poder identificarlo con el que elaboró Víctorino Sánchez (ya que el proceso jurídico nos menciona muy poca información) recurrí a los inventarios elaborados por la Junta de Temporalidades (una vez que fueron expulsados los jesuitas). En estos inventarios se presenta una pequeña descripción (no exhaustiva) de los objetos existentes en los diversos espacios de la hacienda, su estado de conservación y, por supuesto, su avalúo. La propuesta de esta investigación, y por lo que considero que puede ser novedosa, es que, sumando las intenciones del autor (fabricante) y recapitulando las características que tuvo y que tiene actualmente el retablo, podemos tener una idea más nítida de su programa original en el siglo XVIII y de sus funciones evangélicas y litúrgicas.



Atualmente el retablo ha sido dispuesto en una estructura reticular, tiene 420 cm de alto x 530 cm de ancho, y está integrado por cinco calles, la predela, el remate y dos cuerpos en los que se distribuyen ocho nichos. Al centro de la predela se observa el sagrario. Los nichos del primer cuerpo contienen las esculturas de san Nicolás Tolentino (calle principal), de san Juan Bautista (calle del Evangelio) y san Juan Evangelista (calle de la Epístola). En el segundo cuerpo hay cinco nichos, el nicho central ocupado actualmente por la escultura de san Isidro Labrador (de manufactura reciente). En las calles del evangelio y la epístola se hallan dos santos negros (idénticos entre sí) con hábitos franciscanos, mismos que probablemente representen a san Benito de Palermo. En las angostas calles de los extremos hay dos nichos más con otros santos negros, también idénticos entre sí, pero con vestiduras diferentes a la de los santos franciscanos. El retablo está ornamentado con flores, hojarascas, rocallas y ángeles. Otros elementos característicos de la obra son la combinación de columnas y pilastras antropomorfas (bichas y cariátides), aunque algunas de ellas perdieron sus brazos para ajustarse al espacio en el reensamble del retablo. En cuanto a la policromía, presenta un mínimo de rastros del dorado original, cerca de un tercio son áreas donde es visible la base de preparación o carecen de tratamiento y el restante ha sido cubierto con pintura vinílica. (Foto 1 y 2)

Foto 1. Dubois, O. (2022). Retablo de San Nicolás Tolentino, ex hacienda de San Nicolas Ayotla, Oaxaca [fotografía]. Colección particular.



Foto 2. Dubois, O. (2022). Santos negros, retablo de San Nicolás Tolentino, ex hacienda de San Nicolas Ayotla, Oaxaca [fotografía]. Colección particular.



Más allá de la identificación precisa de los santos negros y la razón de su duplicidad, resulta difícil comprender la coexistencia de santos agustinos (san Nicolás Tolentino), dominicos (Virgen del Rosario), franciscanos (san Benito de Palermo y san

Antonio Étíope), entre otros, en un retablo perteneciente a la Compañía de Jesús, mientras que las imágenes de los santos jesuitas se encuentran ausentes. De ahí que se planteen las siguientes interrogantes: ¿los santos que hoy forman parte del retablo pertenecieron al programa original fabricado por Victorino Sánchez por orden de los padres jesuitas? Y si la coexistencia de imágenes de distintos órdenes puede ser atribuida al programa jesuita, ¿se trató de una estrategia de *acomodatio* para evangelizar a los esclavos de la hacienda con imágenes de santos negros, o estos fueron incorporados después de la expulsión de la Compañía de Jesús?

La diversidad del programa iconográfico del altar mayor podría responder a la disponibilidad de la Compañía de Jesús para adecuarse a la heterogeneidad del público y “acomodar cada culto a la realidad social sobre la que actuaban” para facilitar así su conversión -principio de *acomodatio*. Pero, si bien es cierto que las imágenes utilizadas se adecuaban para servir tanto a propósitos didácticos como propagandísticos, también es necesario advertir que existió un conjunto de cultos recurrentes que manifestaban la identidad de la Compañía.

Para profundizar sobre las semejanzas del programa actual con el original del retablo fabricado por Victorino, resulta útil retomar la teoría del *decorum* de Ernest Gombrich (1983), es decir, lo que él llama “temas adecuados en contextos concretos” (p.19). La documentación existente no nos proporciona noticias certeras sobre el origen y la identidad de los santos negros. No sabemos si fueron incorporados por los administradores jesuitas por su afinidad con la población objetivo bajo un principio de *acomodatio*, o si fueron incorporados durante los siglos XIX o XX. Lo que sí es posible identificar, a partir de las descripciones de los inventarios generados por los administradores de la Junta de Temporalidades, son los objetos existentes en la capilla: muebles, imágenes y ornamentos (en especial las alhajas). Si a lo anterior agregamos las relaciones de misas, así como las temáticas y devociones habituales de la Compañía en retablos de la época, me parece que tendríamos los elementos suficientes para generar algunas hipótesis a partir de lo que Gombrich denomina “principio de intersección” (p.19-20): la correspondencia entre los tipos iconográficos, la función de los espacios y el público al que estaba destinado.

## 2.1 RECONSTRUCCIÓN DOCUMENTAL: EL PROGRAMA DEVOCIONAL DE LA CAPILLA

Los inventarios recuperados hasta el momento han sido identificados gracias a las referencias de la tesis de Yunuen Maldonado (2008), al artículo de Arturo Motta y Velásquez (2000) y una búsqueda exhaustiva en los fondos documentales del Archivo

General de la Nación. En total se pudieron comparar catorce inventarios de un periodo de cincuenta años (1767-1817). Pese a la distancia temporal entre uno y otro, en algunos casos más de diez años, pueden percibirse pocas diferencias en el contenido e inclusive en el deterioro descrito. Aunque no todas las descripciones refieren las dimensiones espaciales, detalle y ubicación de los objetos (particularmente de los santos), es posible formarnos una imagen mental de la capilla: de una sola nave, con muros de adobe con arcos ciegos de cal y canto, suelo enladrillado y techo de terrado, ripiado y revocado, muy maltratado; mismo que permaneció así casi por dos décadas, hasta que fue reparado en la década de 1780.

Respecto al mobiliario, todos los inventarios comparados refieren tres retablos: uno del altar mayor (dedicado a San Nicolás de Tolentino y la Virgen del Rosario) y dos laterales en el cuerpo de la capilla (uno de la Virgen de los Dolores y otro a la virgen de la Asunción). La identidad de los santos no está completamente especificada en cada relación, de forma genérica en los primeros tres inventarios se refieren veintitrés imágenes de escultura, cantidad que concuerda con el inventario de 1785 -único que describe el número de imágenes en cada retablo (AGN, Civil, vol. 1523, exp. 2, 1785)- y solo difiere en una imagen con el inventario de 1817 -veintidós imágenes (AGN, Tierras, vol. 3462, 1817). Pese a que únicamente se nombran los santos principales, el listado de alhajas y ornamentos descritos en los distintos avalúos da luces sobre la presencia de otros santos: dos Cristos, tres imágenes de la Virgen María (en sus advocaciones del Rosario, Dolores y la Asunción), san Nicolás Tolentino, san José y Santo Niño de marfil, además de los lienzos del Padre Nuestro y la Virgen de Guadalupe; mismas que se mantuvieron por lo menos cinco décadas después de la expulsión de los jesuitas. Otro aspecto importante que se desprende del listado de ornamentos es que San Nicolás era sacado en procesión, pues se mencionan unas andas del Señor San Nicolás (AGN, *op cit.*, 1785) y un palio de damasco con sus cuatro varas (1773-1802). La inclusión de otras tres andas de madera (AGN, *op cit.*, 1817), sin especificar su uso, nos hacen pensar que había otras imágenes que también salían en procesión: san José y la Virgen de los Dolores, por ejemplo.

Contrastando la información de los inventarios con en el proceso de Tiburcio Antonio la información se complementa. Los testigos presentados en el juicio señalaron que el padre Baltasar de Porras, administrador de la hacienda, le encomendó elaborar el retablo mayor y que “en efecto principió y finalizó la obra de dicho colateral que hasta hoy existe en el altar mayor de la capilla” (AGN, Civil, vol. 1523, 1787). Asimismo, declararon que Victorino devolvió al padre Porras cien pesos de lo obtenido por su trabajo para comprar la libertad del hijo que había concebido con Jacinta Antonia, esclava de la hacienda. No

es claro si la carta de libertad nunca fue escrita, o si se perdió a causa de que, al poco tiempo, Victorino se enfermó y murió.

Para la realización de los retablos, Victorino contó con la ayuda de dos de los testigos: el esclavo carpintero Juan Osorio, oficial de la obra, y el esclavo Nicolás Paulino, como peón. Sin embargo, llaman la atención las discrepancias en los testimonios de los cinco testigos sobre la cantidad de retablos fabricados y el pago recibido por el trabajo. Según Miguel Damián, Victorino realizó dos retablos, el del altar mayor y el lateral de Nuestra Señora de los Dolores. Sin embargo, tanto el oficial, como el peón que participaron en la obra declararon únicamente la manufactura del retablo del altar mayor, no mencionan el de los Dolores. En cuanto al costo, Fernando de la Trinidad dice que le pagaron \$300 pesos, mientras que Miguel Damián atestigua que fueron \$500 pesos por los dos retablos. El resto dicen no saber. Es posible que Victorino Sánchez realizara ambos retablos, pero que la mayoría de los testigos considerara relevante mencionar sólo el mayor por haber sido durante su fabricación cuando acordó pagar al padre Porras los cien pesos por la libertad de su hijo, o que sus ayudantes no participaran en la elaboración del segundo retablo. Lo cierto es que los inventarios describen ambos colaterales como de reciente manufactura.

## 2.2 EL CORPUS DEVOCIONAL JESUITA: PRESENCIAS Y AUSENCIAS EN EL RETABLO DE AYOTLA

Si realizamos una comparación entre el retablo actual y los datos referidos en los inventarios de los siglos XVIII y XIX, es evidente que los bienes de la capilla se han reducido considerablemente. Solo sobreviven fragmentos del retablo principal (reensamblados en el retablo actual) mientras que de los santos y ornamentos del programa original se pueden identificar únicamente las esculturas de san Nicolás Tolentino y de un Cristo de vestir de tamaño natural, cuya carnación se ha oscurecido por el polvo y el humo de las velas. Éste se encuentra exento, en uno de los extremos de la tercera nave. Por la posición de las manos puede tratarse del Cristo de la Columna, aunque el balaustre no se conserva. No tenemos certeza de que las otras esculturas que componen el retablo actualmente (los cuatro santos negros, san Juan Bautista y san Juan Evangelista) procedan del programa de los jesuitas. Sin embargo, ya que solo conocemos la identidad de ocho de las veintitrés imágenes que fueron inventariadas entre 1767 y 1817, tampoco podemos asegurar que no formaran parte.

Por esta razón, y aplicando la teoría del *decorum* y el “principio de intersección” propuesto por Ernest Gombrich, es necesario preguntarnos si las esculturas no

descritas resultaban adecuadas dentro del contexto del programa jesuita. ¿Qué temas se consideraron apropiados para la capilla de una hacienda azucarera? ¿qué santos pudieron auxiliar a sus operarios en el cuidado de las cosechas? ¿qué devociones se tuvieron por convenientes para la evangelización y adoctrinamiento de los esclavos?

Si bien la Compañía de Jesús nunca se pronunció contra el esclavismo, las prácticas desmedidas de explotación levantaron las voces de algunos de sus miembros, quienes enfatizaron el compromiso misional de volver “buenos cristianos” a los esclavos, en especial a los que tenían bajo su jurisdicción. La doctrina impartida se concentró en la salvación de sus almas a partir del reconocimiento de un estadio previo de sufrimiento y de la esclavitud como vía de purificación. Durante esta etapa, el “padre espiritual” se encargaría de guiarlos y evitar que cayeran en vicios que condenaran sus almas. Esta manera de entender la educación (a través del adoctrinamiento) y el trabajo (como instrumento de salvación), fueron fundamentales para justificar el uso de mano de obra esclava en sus propias haciendas. Las experiencias de los coadjutores llevaron a que la Compañía de Jesús elaborara un manual destinado a los administradores de sus haciendas, donde se enfatizaban sus responsabilidades productivas, sociales y espirituales; mismo que podían adecuar, dependiendo de sus recursos y posibilidades, estos principios. Por tanto, la capilla representó un espacio de gran dinamismo social, que buscaron embellecer y mantener óptima para sus funciones.

Como ha estudiado Luisa Elena Alcalá (2003), la orden desarrolló ciertos criterios para el impulso del culto y la adquisición de imágenes tomando en cuenta “cuestiones de funcionamiento interno, estrategia misional, identidad corporativa de la orden, y relación con el contexto social” (258). Conscientes de la potencia didáctica y propagandística del arte, los miembros de la Compañía “tuvieron presente la heterogeneidad social y étnica del público hispanoamericano, siendo éste un factor indispensable a la hora de analizar y valorar las imágenes del entorno jesuita” (259). Como parte de esta política de adecuación, la Compañía de Jesús mostró gran flexibilidad al incluir entre sus altares a devociones locales e incluso a santos promovidos por otras órdenes. Sin embargo, también es posible identificar un corpus iconográfico que aparece de manera recurrente en todos los retablos de la orden. A partir de los inventarios y de los retablos que aún se conservan, tanto Alcalá como Consuelo Maquivar (1984), han identificado un conjunto de cultos jesuíticos presentes en casi todas sus iglesias a través de los cuales la Compañía manifestaba su identidad en diferentes latitudes. Estos incluían a sus santos (San Ignacio Loyola, San Francisco Javier, el patrono de las misiones, San Francisco Borja, San Estanislao Kostka, San Luis Gonzaga, etc.), devociones marianas promovidas por ellos o estrechamente relacionadas como la Virgen de los Dolores, la de la Luz, la

Inmaculada Concepción, Santa María Maggiore o del Popolo, la Virgen de Guadalupe y la de Loreto; y también los arcángeles, sobre todo San Miguel, los apóstoles, San José, el Sagrado Corazón y las Animas del Purgatorio. En el caso de las misiones también sobresalen patronos: se repiten una y otra vez la presencia de san José, de un Cristo asociado a la contrición o la preparación para la buena muerte (Crucificado, Atado a la Columna), de san Miguel Arcángel, la Virgen de los Dolores y san Francisco Javier (Alcalá, 2003, 195-196).

Al comparar este corpus con las imágenes de la capilla de San Nicolás de Ayotla antes referidas podemos observar tanto coincidencias como ausencias importantes. En cuanto a las ausencias, llama la atención que no se mencionara a ninguno de los patronos de la orden, ni tampoco a san Miguel arcángel. Sin embargo, vale la pena examinar más de cerca estas ausencias.

### 2.3 LA AUSENCIA DE SANTOS JESUITAS

Si bien, en los inventarios no hay ninguna mención directa de los santos jesuitas es muy probable que existiera al menos una escultura de san Ignacio de Loyola en la capilla. Cuando en 1887, Ignacio Mejía adquirió la hacienda y trasladó a los trabajadores del ingenio a un nuevo pueblo, eligió como santo patrón a san Ignacio. Actualmente la población (agencia Ignacio Mejía) cuenta con una pequeña iglesia de techo de lámina en la que se veneran dos imágenes de Loyola. (Foto 3)

Foto 3. Dubois, O. (2022). Esculturas de San Ignacio de Loyola, Parroquia de San Ignacio de Loyola, Agencia de Ignacio Mejía, Teotitlán, Oaxaca [fotografía]. Colección particular.



San Luis Gonzaga fue otra devoción importante de la orden. Su intensa vida espiritual, castidad y su temprana muerte lo convirtieron en modelo adecuado para los jóvenes. Una escultura de este santo es referida en el inventario de una tienda de Teotitlán perteneciente a uno de los administradores de la hacienda (no se dan características de la imagen únicamente está contabilizada), cuya fianza tenía designada a favor de la archicofradía de San Miguel de la Corte de México (AGN, Tierras, vol. 3461, 1801). Si bien no podemos asegurar que procedía de la capilla de Ayotla, resulta un poco extraño que un santo jesuita fuera adquirido por un administrador del gobierno virreinal después de la expulsión de la Compañía.

Otras menciones a los santos jesuitas fueron las dedicaciones de las suertes de caña en los campos de la hacienda (San Nicolás y Ayotla); presentes prácticamente en todos los inventarios, con excepción del de 1801. También fue frecuente que se bautizara con los nombres de los santos jesuitas tanto a hombres como mujeres de la esclavonía. En ambos casos se trata de evidencias que muestran que los santos de la orden siguieron formando parte de la vida cotidiana y devocional de esclavos y trabajadores de la hacienda, actuando como intercesores o abogados celestiales, incluso después de la expulsión de los jesuitas. Tanto si las imágenes de san Luis Gónzaga en posesión de uno de los administradores y san Ignacio de Loyola de la capilla del pueblo fundado por Ignacio Mejía provenían efectivamente de San Nicolás Ayotla, como si no, lo cierto es que sus cultos se mantuvieron activos. La ausencia de sus nombres en los inventarios pudo deberse a que se trataba de imágenes secundarias de los retablos y a que no poseían alhajas.

#### 2.4 LOS LÍMITES DE LA ACCOMODATIO

La gran incognita continúan siendo los santos negros del retablo actual, ya que no se ha encontrado ninguna referencia o alusión a ellos en los inventarios. Resulta complicado pensar que Victorino Sánchez por iniciativa propia haya incluido estas esculturas. Consuelo Maquivar (1982) identifica por lo menos cinco gremios relacionados a la elaboración de retablos: los arquitectos diseñaban el plano arquitectónico de acuerdo con los requerimientos del solicitante; los carpinteros realizaban elementos estructurales como entablamentos, columnas, etc.; los entalladores elaboraban distintos ornamentos y tallas; los ensambladores armaban y aseguraban las piezas; y finalmente el dorador (p. 1105). Sin embargo, en la mayoría de los casos bastaba con el trabajo de un entallador-ensamblador y de un dorador que trabajaban el diseño entregado por el solicitante; en este caso el administrador de la hacienda.

Para que san Benito fuera tan relevante e incluido en el retablo debió haber sido una devoción previa apropiada por los jesuitas, opción poco probable por las fechas de



propagación de su culto. En caso de ser promovida por los jesuitas, entonces resulta aún más extraño que no haya ninguna evidencia de sus misas y, además, que las esculturas se quedaran abandonadas en la capilla y no las hayan llevado consigo los esclavos. Al comparar el caso de San Nicolás Ayotla con otros retablos jesuitas de otras haciendas, destacan algunas coincidencias, pero en ninguno se presentan santos negros. Otro argumento de peso para creer que no recurrieron a las devociones de santos negros es la percepción negativa del “color obscuro” y su asociación con la vileza. Para ellos la justificación de la esclavitud tenía que ver con el pecado ancestral de Cam (hijo de Noé) y el color negro representaba el signo visible de ese pecado y, por consecuencia, a la sujeción de su descendencia (Rowe, 2016, 56-58). Superar esa condición solo se lograría a través del blanqueamiento de su alma y como ejemplo de obediencia y virtud tenían a los santos fundadores y mártires de la Compañía, inclusive, al mismo san Nicolás Tolentino, el patrono de las almas del purgatorio.

### 3 CONCLUSIÓN

Hasta aquí parecería que el adoctrinamiento solo tuvo como fin asegurar la productividad de la hacienda. En parte sí, pero simplificarlo de esa manera oculta la agencia de la esclavonía, bastante visible en los reportes de los funcionarios novohispanos. Una vez que la Compañía de Jesús fue expulsada, los nuevos administradores quedaron obligados a mantener las obligaciones religiosas de la capilla: pagar las misas semanales y los derechos por los casamientos, defunciones, bautizos, etc. Por supuesto que el declive económico también repercutió en la falta de mantenimiento de las instalaciones y los ornamentos, además de las limitaciones en sus necesidades básicas. La actitud rebelde y contestataria de algunos esclavos se hizo patente: algunos huyeron, otros llevaron sus quejas a las autoridades del pueblo e incluso interpusieron juicios. En numerosas ocasiones testificaron abusos y abandono por parte de sus administradores, comparándolos con la etapa de bonanza y cuidados recibidos por los padres jesuitas.

En este contexto, incluso, la buena cristiandad tuvo su recompensa. El retablo en sí mismo, más allá de su carácter litúrgico y adoctrinador también fungió como agente para conseguir la libertad del hijo del escultor. Cuando Tiburcio Antonio reclamó sus derechos de libertad, comprados por su padre Victorino Sánchez como pago por la elaboración de un retablo para la capilla, el retablo que se mantenía a la vista de todos constituyó su mayor evidencia. A pesar de la ausencia de la carta de liberación o del acuerdo escrito entre el padre y el administrador y aunque existían muchas dudas sobre la veracidad de los testimonios presentados por los esclavos, finalmente las autoridades le concedieron

el privilegio solicitado. El proceso se constituye en prueba del uso práctico y tangible que tuvo el aspecto religioso en la vida de la esclavonia.

En conclusión, aunque resulta muy atractivo atribuir a la herencia africana a la configuración actual del retablo de Ayotla; es importante considerar otras interpretaciones a la luz de la documentación. Principalmente considero que el retablo ha materializado un discurso que se renueva, que desde su creación brindó un mensaje claro para que la población pudiera asimilarlo y a su vez dotara de sentido su existencia; pero no eran necesarios santos negros (o por lo menos no para los jesuitas) para ser recibido por la esclavonia. Por el contrario, lo que parece tener más peso es la liturgia y prácticas devocionales como las procesiones (san Nicolás y virgen de los Dolores), los rezos del Santo Rosario, e inclusive la devoción al Santo Niño de marfil. Esto no implica que posteriormente otros santos no se hayan incorporado, sobre todo durante la gestión de la Junta de Temporalidades, ya que los diferentes administradores llevaron sus propios santos y dada la movilidad de algunos esclavos a otras haciendas y su retorno, es posible que trajeran consigo nuevas devociones.

Lo que sí es evidente es que en determinado momento la función del retablo y su mensaje fue superado por las nuevas necesidades de la feligresía. Primero con el declive de la hacienda y su venta a particulares, etapa en la que también considero surgió el culto al Señor de Ayotla; posteriormente con el traslado de la población a las nuevas instalaciones del ingenio, donde se abre una nueva capilla dedicada a San Ignacio de Loyola, y finalmente con la remodelación y ampliación de la capilla para recibir a los devotos del Señor de Ayotla provenientes de Puebla y la Cañada Oaxaqueña.

Finalmente, el que la evidencia e interpretación sugieran una recomposición del retablo actual no quiere decir que este pierda su valor histórico; por el contrario, me parece que lo enriquece. Las devociones no son algo permanente e inalterable; para que cobren significado y relevancia deben mantenerse flexibles y adaptables a las necesidades de su feligresía; o en su defecto desaparecen. Creo que el retablo de Ayotla es un claro ejemplo sobre esa evolución, de la función e interactividad que alrededor de este objeto desarrollaron administradores y esclavos.

## BIBLIOGRAFÍA

Alcalá, L. E. (2003). Acomodación, control y esplendor de la imagen en las fundaciones jesuíticas. En *Barroco Andino. Memoria del primer encuentro internacional*. Viceministerio de Cultura y Unión Latina, 257-266.

Bahrani, Z., Elsner, J., Hung, W., Joyce, R. & Tanner, J. (2014). Questions on world art history. *Perspective*, (2), 181-194.

Bonet, A. *La imagen religiosa en la Monarquía hispánica. Usos y espacios*. Casa de Velázquez.

Chevalier, Françoise (1950). *Instrucciones a los hermanos jesuitas administradores de Haciendas [Manuscrito mexicano del siglo XVIII]*. UNAM. [www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/016/instrucciones\\_jesuitas.html](http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/016/instrucciones_jesuitas.html)

Elkins, J. (2006). Art History as a Global Discipline. En *Is Art History Global?*. Routledge.

García-Huidobro, J. (2018). El arte de la América virreinal como complemento y superación de la fuerza y el derecho. *Atenea (Concepción)*, (517), 181- 199. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-04622018000100181>

Gell, A. (1998). *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Clarendon Press.

Gombrich, E. (1983). *Imágenes simbólicas. Estudios sobre el arte del Renacimiento*. Alianza.

Kopytoff, I. (1986). La biografía cultural de las cosas: la mercantilización como proceso. En *La vida social de las cosas. Perspectiva cultural de las mercancías* (Appadurai, A. ed.). Grijalbo; Conaculta, 89-122.

Maldonado Dorantes, Y. (2008). *Victorino Sánchez: un escultor mulato en la cañada oaxaqueña* [tesis de licenciatura, Universidad Nacional Autónoma de México]. Repositorio institucional UNAM. <https://repositorio.unam.mx/contenidos/257352>

Maquivar, M. C. (1984). *Los retablos de Tepotzotlan*. INAH.

Maquivar, C. (1982). Escultura y retablos. Siglos XVI-XVII. *El Arte Mexicano*, tomo IV. Salvat Mexicana de Ediciones.

Motta, A. & Velásquez, M. E. (2000). El retablo de Ayotla, Teotitlán de Flores Magón, Oaxaca. ¿Obra del mulato esclavo carpintero Victorino Antonio Sánchez? *Antropología. Boletín oficial del INAH*, (60), 26-34.

Rowe, E. K. (2016). Visualizing Black Sanctity in Early Modern Spanish Polychrome Sculpture. En *Envisioning Others Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America* (Pamela A. Patton, ed.). Koninklijke Brill NV.

Santiago, V. (2023). Agencia de la imagen y estrategias de evangelización entre la Compañía de Jesús y la esclavonía del ingenio de san Nicolás de Ayotla, Oaxaca [tesis de maestría, Universidad Nacional Autónoma de México]. Repositorio institucional UNAM. <https://repositorio.unam.mx/contenidos/3627657>

Summers, D. (2003). *Real Spaces. World Art History and the Rise of Western Modernism*. Phaidon Press Limited.

Taylor, W. (2010). Images and Immanence in Colonial Mexico. En *Shrines and Miraculous Images. Religious Life in Mexico Before the Reforma* (15-61). University of New Mexico Press.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**Luis Fernando González-Beltrán-** Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abordagens terapêuticas 58, 61, 62, 63, 65, 66  
Adolescentes 10, 23, 31, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57  
Afroparaguayos 93  
Aging 156, 157, 158, 163, 174, 176, 191, 192  
Amor romântico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 74, 75  
Antropofagia modernista 132  
Apropriação de sentidos 117  
Argentina 93, 105, 106, 137, 143, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 229, 233, 271  
Aspecto social 234, 237  
Asylum 279, 280, 281, 284, 285, 286, 287, 288  
Autoestima 24, 26, 28, 31, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 180, 184

### B

Batalla del Ebro 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116  
Bem-estar 34, 38, 58, 60, 66, 185, 187, 189  
Big data 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

### C

Caos normativo y equilibrio presupuestal 214  
Características políticas 259, 260, 261  
Castas 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 196, 213  
Chronic diseases 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154  
Ciberseguridad 210, 247, 252  
Compañía de Jesús 78, 81, 84, 87, 90, 92  
Comprehensive assessment 156, 175  
Consequências para a saúde 34  
Contexto 1, 8, 41, 71, 72, 74, 76, 78, 87, 90, 94, 97, 110, 120, 124, 127, 132, 141, 142, 177, 179, 187, 189, 213, 219, 234, 236, 237, 239, 241, 244, 245, 246, 259, 266, 267, 277  
Covid-19 144, 145, 146, 147, 153, 154, 155, 179, 187, 191, 193, 194, 204, 278  
Crisis política 196, 202, 213  
Cuidadores familiares 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

## D

Daño emocional 26

Daño psicológico 26

Demência de Alzheimer 179, 180, 181, 183, 184, 186, 189, 190

Deporte 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246

Derechos humanos 201, 202, 204, 207, 217, 224, 247, 252, 259

Devociones 78, 84, 87, 90, 91

Dialogismo 117, 118, 130

Direito & Literatura 132

Ditadura militar 117, 118, 120, 122, 125

Dominación masculina 1, 4, 5, 6, 8, 9

## E

Económicas 196, 204, 209, 213, 226, 227, 246, 259, 260, 261, 275, 277

Esclavonía 78, 81, 89, 90, 91, 92

Esclavos 81, 84, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107

Estruturas clínicas 58, 59

Estudios de performance 67

Evangelización 78, 81, 87, 92, 105

## F

Forced migration 279, 288

## G

Geriatric stay 156, 165

Globalización 79, 176, 177, 212, 213, 247, 248, 254, 259, 260

Guerra Civil Española 108, 115

## H

Health 9, 24, 34, 39, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 175, 176, 192, 193, 194, 285

História & Literatura 132, 140

Human rights 143, 248, 260, 279, 280, 281, 282, 285, 286

## I

Índio 99, 100, 103, 104, 132, 134, 141

Infidelidad 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33  
Infidelidad emocional 12, 15, 16, 19, 20, 21, 23  
Infidelidad sexual 12, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24  
Inteligencia artificial 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258  
Inteligencia sexual 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24  
Interacción 40, 42, 44, 50, 78, 110  
Intervenção 35, 38, 66, 129, 180, 188, 189, 190

## J

Jovens adultos 34, 35, 38  
Justicia 93, 94, 97, 98, 99, 100, 106, 203, 213, 259, 269

## L

Luto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194

## M

Machismo 67, 69, 70, 74, 76, 77  
Mediatización 108, 110, 115  
Memoria histórica 108, 111, 115, 116  
Modernização 132, 133, 134, 136, 141, 142  
Movimientos sociales 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213  
Música popular 77, 117, 118, 126, 129, 130, 131  
Musicología popular 67, 68

## N

Neurose 58, 59, 60, 61, 62, 66  
Normas 14, 15, 16, 21, 22, 28, 35, 64, 77, 81, 94, 95, 98, 121, 211, 228, 234, 238, 242, 244, 248, 253, 254  
Nuevo modelo de gobermentalidad 195, 196, 208

## O

Older adults 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 173, 175

## P

Parodia musical 67

Perversão 58, 59, 64, 65, 66  
Política fiscal 247, 256, 275  
Política pública 234, 236, 238, 246, 256, 258  
Psicose 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66

## R

Refugee 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288  
Relacionamento abusivo 34, 36, 37, 38  
Relaciones tóxicas 1, 5, 8  
Relación parental 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54  
Representaciones de género 67  
Retablo 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92  
Revolución tecnológica 260

## S

Social determinants 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154

## T

Teoría contractualista 214, 216, 217, 219, 229  
Teoría estatutaria 214, 216, 222, 229, 230  
Toma de decisiones 5, 6, 40, 46, 47, 50, 52, 54, 253

## U

Unilateralismo estatal 214, 217

## V

Violencia de género 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9  
Violência no namoro 34, 35, 36, 38  
Violencia psicológica 26, 28, 31